

*Deus se é em si, por si e para si
a sua mesma razão de ser
num ato coeterno e infinito
de vida trinitária*

*E olhando-se no que faz Ele ser Deus,
cria o homem
à sua imagem e semelhança,
para que possa ser seu filho,
herdeiro da sua glória
e partícipe da vida divina*

*Todas as criaturinhas
e toda a criação
vão expressando no Verbo
sua só canção de Deus*

Mãe

Trindade de Sa Santa Madre Igreja

MÃE TRINIDAD DE LA SANTA MADRE IGLESIA
SÁNCHEZ MORENO
Fundadora de A Obra da Igreja

*Deus se é em si, por si e para si
a sua mesma razão de ser
num ato coeterno e infinito
de vida trinitária*

*E olhando-se no que faz Ele ser Deus,
cria o homem à sua imagem e semelhança,
para que possa ser seu filho,
herdeiro da sua glória
e partícipe da vida divina*

*Todas as criaturinhas
e toda a criação
vão expressando no Verbo
sua só canção de Deus*



Ediciones La Obra de la Iglesia

NOTA.- Podem existir discontinuidades na numeração por causa da eliminação de páginas em branco para esta edição digital.

Título original em espanhol:

"Dios se es en sí, por sí y para sí su misma razón de ser en un acto coeterno e infinito de vida trinitaria"

Imprimatur: Joaquín Iniesta Calvo-Zataráin
Vigário Geral
Madrid, 24-12-2004

2ª EDIÇÃO

Separata de livros inéditos da Mãe Trindade de la Santa Madre Iglesia Sánchez Moreno e dos livros publicados:

«LA IGLESIA Y SU MISTERIO»

«FRUTOS DE ORACIÓN»

«VIVENCIAS DEL ALMA»

© 2004 EDITORIAL ECO DE LA IGLESIA

1ª Edição espanhola: Setembro 2000

A OBRA DA IGREJA

ROMA - 00149

Via Vigna due Torri, 90

Tel. 06.551.46.44

MADRID - 28006

C/ Velázquez, 88

Tel. 91.435.41.45

E-mail: informa@laobradelaiglesia.org

www.laobradelaiglesia.org

www.clerus.org *Santa Sé: Congregação para o Clero*
(Librería - Espiritualidad)

ISBN: 978-84-86724-71-9

Depósito legal: M. 48.262-2007

Imprensa: Fareso, S. A.

Paseo de la Dirección, 5. 28039

**DEUS SE É EM SI, POR SI E PARA SI
A SUA MESMA RAZÃO DE SER
NUM ATO COETERNO E INFINITO
DE VIDA TRINITÁRIA.
E OLHANDO-SE NO QUE
FAZ ELE SER DEUS,
CRIA O HOMEM
À SUA IMAGEM E SEMELHANÇA,
PARA QUE POSSA SER SEU FILHO,
HERDEIRO DA SUA GLÓRIA
E PARTÍCIPE DA VIDA DIVINA**

Ó Soberania eternamente transcendente do Infinito Poder...! Como necessito expressar-te diante do que minha *alma-Igreja*, subjugada e arrebatada pelo esplendor da tua glória, concebe do teu transcendente mistério!;

e que, iluminada pela penetração da tua infinita sabedoria amorosa, hei de soletrar com minhas pobres palavras criadas, com temor de profanar-te, ao não encontrar a maneira de dizer o indizível e comunicar o incomunicável;

tendo-me que valer dos limitados modos humanos que estão ao alcance da pobreza de minha pequenez, para dizer algo do que, impeli-

da pela tua infinita vontade e sob o impulso de manifestá-lo, Tu pões no recôndito do meu espírito para que o comunique;

movida por aquele: «Vai e dize-o...!», «Isto é para todos...!» que impregna toda a minha vida e lança-a a proclamá-lo do modo que pode, diante do teu desejo sacrossanto, eterno e infinito de ser mais conhecido e, como consequência, mais amado e reverenciado, segundo corresponde à tua infinita Santidade, e se merece pela excelência do teu infinito ser.

Diante do que, minha pobre alma, anonadada, trêmula e ultrapassada, tem que expressar com ocasião e sem ela, como pode, através da tartamudez da minha enrouquecida voz, os mistérios divinos.

Porque a glória de Deus a mim o exige pelo querer premente da sua infinita vontade, que imprime seu coeterno pensamento em minha profundidade como «o Eco» da Santa Mãe Igreja em repetição do mistério, repleto e saturado de Divindade, que nesta Santa Mãe se encerra, para saturar todos os homens da embriaguez dessa mesma divindade que dimana da sua Cabeça, que é Cristo, o Unigênito do Pai, que, encarnando-se nas entranhas puríssimas da Virgem, fez-se homem por amor.

O qual, sendo um com o Pai e o Espírito Santo, morando no seio da Santa Mãe Igreja, apro-

fundando-me nas suas infinitas riquezas, impulsiona-me com força irresistível, em repetição de sábia sabedoria amorosa de quanto Deus pôs e põe no meu espírito, somente como o Eco diminuto da Santa Mãe Igreja, e recebido dela, a entoar meus cantares; participando da expressão do Verbo, para proclamar como possa algo daquele insondável e coeterno mistério do Ser.

Do Ser que, *sendo-se sido* em si, por si e para si em subsistência exuberante de Divindade, é o único Ser coeterno, o único Deus!, ao ter em si o potente poderio de ser seu mesmo Princípio, sem princípio e sem fim. «“Eu sou o alfa e o ômega”, diz o Senhor Deus; “aquele que é, que era e que vem, o Todo-poderoso”»¹.

Já que em Deus não existe o princípio, porque nunca começou; nem terá fim, porque nunca termina; *sendo-se* Aquele que não tem princípio, fora da abóbada da criação e da sucessão do tempo.

Deus já era no princípio,
ainda que dele carecia;
Ele era o mesmo Princípio,
e princípio não tinha.

O Pai o Filho gerava
em conversação divina,

¹ Ap 1, 8.

e o Filho ao Pai explicava
a mesma vida infinita.

Tudo no Verbo foi dito,
e n'Ele mesmo continha
tudo quanto foi criado,
por *ser-se* Soberania.

Deus não cabe em nenhum sítio,
e em todas partes habita,
em sua vida trinitária,
pela sua potência infinita.

E Deus mora no nosso tempo,
e do tempo carecia.

6-3-1967

Deus é o Ser, o Ser...!, que, por *ser-se*, é tão subsistente e suficiente, que é o único Ser sido e possuído em si mesmo e por si mesmo. E que, por ter em si e por si a sua mesma razão de ser, sida e possuída, é tudo o infinito em infinitude de ser; sendo tudo quanto pode ser na infinitude plena e exuberante da sua infinita perfeição, num só ato de vida e abrangência coeterna de intercomunicação trinitária.

Deus é o Ser. E este Ser Ele *se o é*, Ele *se o tem*, Ele *se o possui* como em miríadas e miríadas de infinitos atributos e perfeições; que, pela

exuberante e plena perfeição de si mesmo, o é num só ato de perfeição e de vida.

Ó, o que é Deus, que é tudo quanto infinitamente pode ser em sua infinitude de coeterna transcendência de ser!

Ó, o que *se é* Aquele que *se É*, em sua unidade de ser; na qual, pela perfeição da sua mesma natureza e pela plenitude infinita de *ser-se*, irrompe em seu ato de Contemplação Expressada em Amor!

E toda a sua exuberante e inexaurível perfeição, Ele *se a vê*, Ele *se a olha*, Ele *se a contempla*, Ele *se a abrange* e *se a possui* em seu ato de Contemplação rompendo em fecundidade de sabedoria explicativa.

Ó, o que é Deus!, que tudo quanto é, Ele mesmo *se o expressa* em seu *ser-se* Palavra infinita de inéditas e inexauríveis melodias; e Ele *se o ama* em seu *ser-se* Amor infinito, coeterno e pessoal.

E Deus *se é* Pai e Deus *se é* Filho e Deus *se é* Espírito Santo! E *se o é* pelo seu ser subsistente e infinitamente suficiente em si mesmo, por si mesmo e para si mesmo!

Ó, o que é Deus, que tudo quanto pode ser *se o é* em seu só ato familiar de vida trinitária!

Num saber transcendente,
Deus se sabe o que é
e o que, em si, pode *ser-se*,
que é *ser-se* o que se sabe
que, por si, Ele pode ser.

Pois é tanto o seu poder,
que saber-se, n'Ele, é *ser-se*;
já que n'Ele identifica-se
a sua potência com o seu ser,
e a sua existência infinita
com a sua maneira de ser.

Potência que é sem termo;
vida que rebenta em ser;
e ser que é tanta vida,
que, sempre fluindo em Três,
é todo sabedoria
pelo seu infinito poder.

Deus *se é* o que se sabe
que, pelo seu ser, pode ser.

27-1-1967

Ó plenitude de vida de subsistente e coeter-
na Virgindade fecunda!, em separação infinita-
mente distinta e distante de tudo o que não é
Deus mesmo, *sendo-se* a sua Virgindade trans-
cendente em desnecessidade infinita de tudo o
que é criado; vivendo, em subsistente subsis-
tência, oculto e velado no *Sancta Sanctorum* da

sua eterna Santidade, coberto e envolvido no mistério sacrossanto da sua vida transcendente;

«Ali» onde, em sabedoria amorosa, Deus se é, vivido e penetrado no seu só e infinito Olhar para dentro, para dentro!, o Ser que, de tanto *ser-se* Ser, irrompe em Fecundidade infinita e plena de Explicação Canora em Abraço de Amor eterno.

«Assim diz Iahweh, o rei de Israel: A quem haveis de assemelhar-me? Quem igualareis a mim? A quem haveis de comparar-me, como se fôssemos semelhantes?

Eu sou o primeiro e o último, fora de mim não há Deus. Quem é como Eu? As minhas testemunhas sois vós –oráculo de Iahweh– vós sois o servo que escolhi, a fim de que saibais e creiais em mim e que possais compreender que “Eu Sou”. Eu, Eu sou “Aquele que É” e fora de mim não há nenhum salvador».

«Se não credes que “Eu Sou” –diz Jesus– morrereis em vossos pecados»².

Ó infinito e inacessível Ser!, anonadada em prostração de reverente adoração diante da excelência da tua coeterna santidade, e invadida pela luz do teu infinito pensamento, necessito, impulsada pelo teu sapiencial Cantar, expressar algo do que, desde teu mesmo pensamento e

² Is 46, 5; 44, 6-7; 43, 10-11; Jo 8, 24.

ultrapassada pela luz da tua sabedoria, entendendo; compreendendo, sem abranger, o modo de como Tu *te és*, ó Pai eterno!, Sapiencial Sabedoria de Olhar amoroso.

Porque um só olhar Deus tem e *se é* em si, por si e para si no recôndito profundo do mistério do seu inesgotável e insondável ser.

E tão fecunda e inexaurivelmente *to és*, ó Pai!, que irrompes, pela fecundidade exuberante do teu ser, sido e possuído por Ti em teu ato de vida repleto e saturado de Divindade, num Filho de Expressão Explicativa de inéditas Canções; dando-lhe tudo o que Tu és e ficando com tudo em Ti mesmo e no fruto do teu gerar em Filho; Luz de Luz de luminosa claridade do teu mesmo pensamento, e Figura da tua substância, no princípio sem princípio do teu *ser-te* a Fecundidade infinita estourando, de tanto ser, em Paternidade geradora; dando à luz o eterno *Oriens*, Verbo em soletração amorosa de explicação de resposta em doação de entrega, pelo mistério consubstancial do teu gerar divino, o Filho que estás gerando e que sempre tens gerado, como Unigênito, fruto da tua contemplação.

«Iahweh me disse: “Tu és meu Filho, Eu hoje te gerei”».

«No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio Ele estava com Deus».

«O unigênito de Deus, que está na intimidade do Pai, Ele no-lo deu a conhecer»³.

Em tal fruição amorosa de entre ambos que, em amor de retorno, faz surgir, em expiração amorosa de infinita Sabedoria sabida em Explicação canora num só ato de ser, o Espírito Santo; Amor radiante paterno-filial de penetrante e sapiencial sabedoria, recebida do Pai e do Filho; que abraça, num romance infinito, o mistério transcendente, consubstancial e trinitário do ser, sido pelo Pai em sabedoria amorosa de Contemplação, expressado pelo Verbo, e amado, como fruto de amor paterno-filial, em e pelo Espírito Santo; Beijo infinito do Pai e do Filho em desfrute ditosíssimo de Família Divina.

Eu conheço o perfurar
d'Aquele que em meu peito aninha,
porque, em sua vida escondida,
consegui contemplar,
fora de quanto é de cá,
em seus lumes acendida,
aquela ciência sabida
da excelsa Trindade.

E, por isso, minha alma enchida
saboreou o gostar
que se dá em meu palpar,

³ Sl 2, 7; Jo 1, 1-2. 18.

quando me abismo na vida
daquela Trina Unidade
que, em amores comprazida,
da alteza em que ela habita
me introduz em seu gozar.

Eu sei a meu Deus como é
em seu *ser-se* grandeza,
porque, sendo levantada
pelo poder da sua força,
me introduziu em sua morada,
na profundeza da sua greta.

E ali bebi da torrente
da sua sapiencial sapiência,
afundada em seus Mananciais,
em tão aguda agudeza
em que me mostrou seu *ser-se*
em suas maneiras diversas.

Infinidade de atributos
rompem daquela Beleza;
sendo-se Deus Uno e Trino
quanto pode em sua potência,
podendo tudo ser
pela sua infinita excelência.

Eu vi o Ser subsistir
nesse instante que encerra
a infinita Deidade
em sua Trindade excelsa;

fora das coisas de cá,
levada pela potência
da sua coeterna bondade,
e movida em sua força
para que possa expressar-lhe,
como o Eco da Igreja,
afundada na realidade
da sua coeterna clemência.

15-1-1977

E Deus, que tem em si, por si e para si, tudo o que pudesse necessitar sido e possuído em infinitude de sê-lo e possuí-lo, sem que ninguém lhe possa aumentar, tirar ou diminuir a dita essencial que em gozo eterno *se é*; quer, num desejo voluntarioso do seu infinito poder, criar seres que participem d'Ele, para a manifestação magnífica do esplendor da sua glória. «Façamos o homem à nossa imagem e semelhança», «para chegar a ser partícipe da Natureza divina»⁴.

E como num esbanjamento em derramamento do seu amor, para criar criaturas que possam viver por participação do seu mesmo gozo em desfrute eterno e dita gloriosíssima de comunicação trinitária; faze-o de uma maneira tão infinitamente transcendente que, no mesmo e único Olhar que Deus *se é* e que, *sendo-se-o*,

⁴ Gn 1, 26; 2 Pd 1, 4.

é a razão de ser do mesmo Deus, olha-se, em vontade criadora, naquilo que a Ele faz ser Deus;

tão íntima, amorosa e profundamente, e de modo tão surpreendente, que cria o homem à imagem e semelhança do que Ele mesmo *se é* e pelo que *se o é*, para que possa chegar a possuí-lo em participação desfrutadora; fazendo a criatura capaz de ser Deus por participação, filho seu, herdeiro da sua glória, e, portanto, partícipe da mesma vida divina.

Pelo que Deus, ao criar a criatura racional capaz de viver da sua mesma vida por participação, para poder plasmar nela, de alguma maneira, ainda que infinitamente distante e distinta, a sua mesma razão de ser; olha-se no que Ele é e pelo que *se o é*. E assim a criatura é imagem em reverberação do que Deus é e de porque *se o é*.

E como, a Deus, o *ser-se* o que é, é o que o faz ser Deus, ao plasmar em nós essa imagem do que é e pelo que *se o é*, é pelo que nos faz capazes de ser «deuses e filhos do Altíssimo»⁵ e herdeiros da sua mesma glória.

E à criatura racional, criada com esta capacidade, sendo imagem da mesma realidade divina em seu porquê, Deus infunde a graça santificante, que a faz conforme e adaptável a essa

⁵ Sl 82, 6.

mesma realidade. E, criados com capacidade para poder possuir Deus e ser deuses por participação, por meio da graça santificante podemos chegar a realizar o fim para o qual Deus nos criou à sua imagem e semelhança.

Um só Olhar Deus tem
em subsistente Olhar,
que de tanto *ser-se sido*,
rompendo em fecundidade,
é a razão subsistente
do seu *ser-se* a Divindade.

Um só Olhar Deus tem.
E esse só Olhar
que o faz *ser-se* Vida
irrompendo em Trindade;
por sua potência infinita
irrompendo em vontade
coeterna, amorosa
e infinita de criar,
o faz olhar para fora,
e assim poder-se plasmar
em seres que o possuam
para suas glórias cantar.

Ó, o que é o homem no pensamento divino, predestinado desde toda a eternidade à sublimidade excelsa de ser filho de Deus; pelo

derramamento daquele que é bom, infinitamente bom e Santo!, e «necessita», sem necessitar nada para si, fazer felizes outros seres com a mesma felicidade que Ele tem-se no gozo divino e sacrossanto da sua mesma vida.

Que feliz é Deus e que bom!, que, num derramamento desbordante da sua vontade, cria seres para que o possuam. Diante do qual, Deus mesmo, sem poder gozar mais do que em si, por si e para si, tira do seu gozo essencial um gozo acidental que o faz gozar amorosamente em infinita complacência, e cria-nos à sua imagem e semelhança de um modo tão sublime, que a criatura é elevada à dignidade excelsa de ser filho de Deus e herdeiro da sua glória.

«Pois aos que Ele conheceu desde sempre, também os predestinou a se configurarem com a imagem do seu Filho, para que este seja o primogênito numa multidão de irmãos. E àquelles que predestinou, também os chamou, e aos que chamou, também os justificou, e aos que justificou, também os glorificou»⁶.

Que feliz é Deus e que bom por ter em si a sua felicidade e bondade infinitas! E que feliz é Deus e que bom por ter querido manifestar-se como é, e ser eu a parte integrante e receptora dessa manifestação!

⁶ Rm 8, 29-30.

Que alegria que Deus, não somente seja bom em si, por si e para si, mas que tenha querido, num ato de sua vontade amorosa, cheio de misericórdia, manifestá-lo para fora!

Pelo que quando Deus nos criou, pôs em nós capacidades imensas, inesgotáveis, com exigências de plenitudes quase infinitas; já que criou-nos para Ele, para a sua posse, para a sua dita e para o seu gozo.

Fez-nos corpo e alma, e deu-nos capacidades com as quais pudéssemos cumprir a exigência de possuir que Ele pôs no nosso ser.

É tão maravilhosa, tão rica, tão por cima do nosso pequeno entender a criação do homem, que tampouco, sem uma luz sobrenatural, poderíamos compreender sua grandeza.

Com as capacidades da alma, o homem tem possibilidade de possuir Deus, de adentrar-se em seu mistério, de viver da sua mesma vida, de saboreá-lo em seu mesmo gozo, de penetrá-lo com a sua infinita Sabedoria, de expressá-lo com a sua inexaurível Palavra e de amá-lo nas chamas candentes e infinitas do Espírito Santo.

O homem, por sua vida de graça, é capaz de viver a mesma vida que Deus vive, em co-

municação íntima com a Família Divina, dentro do Seio infinito da Trindade: «Vem participar da alegria do teu Senhor»⁷, na repleção desse Lar eterno, para viver por participação em intimidade de família como o mesmo Deus!

Pelo que eu posso ser feliz com o mesmo gozo de Deus, que me criou, não para que o visse como um espetáculo esplendoroso e esmagador, mas para que entrasse no seu festim infinito e coeterno a viver por participação a mesma vida que Ele vive em e por sua natureza divina; para que o contemplasse em sua Sabedoria, cheia de gozo e felicidade, cheia de penetração e de profundidade; e de tanto contemplá-lo na intimidade jubilosa do seu ser, olhando-o na luz dos seus olhos e introduzindo-me nas divinas pupilas do seu olhar eterno, soubesse –de saborear–, num saboreamento que é vida, a perfeição infinita da fartura, plenitude, formosura e riqueza eterna que Ele mesmo *se é* em si, por si e para si.

Ao criar-me Deus, por uma complacência do seu amor e um derramamento da sua bondade, à imagem da sua mesma perfeição e para que o possuísse; fez-me capaz de entrar na Contemplação saborosa da sua vida, e ficando subjugada e arrebatada pela formosura do seu rosto, fosse transformada n'Ele.

⁷ Mt 25, 21.

E, rompendo em expressão com o Verbo e volvida para Deus, expressasse, na minha medida, com a mesma Palavra do Pai, a sua riquíssima, eterna e infinita perfeição; sentindo-me Palavra, expressão, manifestação jubilosa que necessita cantar, num romance de amor, o mesmo Amor infinito.

E, diante do saboreamento do que contemplasse e expressasse, abrasasse-me no amor do Espírito Santo. «Todos nós, porém, com o rosto descoberto, contemplamos e refletimos a glória do Senhor e assim somos transformados à sua imagem, pelo seu Espírito, com uma glória cada vez maior»⁸.

Vivendo assim com Deus mediante a minha vida de graça a mesma vida que Ele vive na intimidade do seu Lar; aqui em fé, e no dia ditosíssimo da eternidade, na Luz gloriosa dos bem-aventurados.

Que bom é Deus, e que Santo!, que, quando criou-me como manifestação da sua bondade amorosa, num derramamento da sua doação para fora, fez-me capaz não só de conhecê-lo, não só de vê-lo, não só de contemplá-lo, mas que me deu possibilidade de olhá-lo com a sua mesma Vista, de cantá-lo com a sua mesma Boca, com a sua mesma Palavra, com a sua mes-

⁸ 2 Cor 3, 18.

ma Expressão, e de amá-lo com o mesmo Amor com o qual Ele se ama: o Espírito Santo, Pessoa amor do Pai e do Filho em Beijo infinito de fruição em caridade eterna; de tal forma que pudesse viver sua vida, que é conhecer-se, expressar-se e amar-se, na comunicação familiar e ditosíssima da sua vida trinitária!

O que pôde fazer o Criador, pelo homem, que não fizesse? Como poderá caber na mente humana que este homem seja capaz de entrar dentro de Deus, de ser Deus por participação, filho do Infinito e repleto com a repleção do gozo eterno?

Que alegria, que júbilo para o homem, que, no mesmo momento de ser criado, encontra-se volvido para o seu Criador, com umas cavernas imensas em necessidade de plenitude do Eterno! Já que o homem, criatura à distância infinita do Ser transcendente, é criado, não para contemplá-lo de longe, não para entrar em sua casa como convidado de honra, mas para viver na profundidade profunda e recôndita do Seio da Trindade, para engolfar-se e saturar-se nas suas infinitas perfeições, para embriagar-se nas correntes daquele divino Manancial de águas vivas que saltam até a vida eterna. «Que o sedento venha, e quem o deseja, receba gratuitamente água da vida»⁹.

⁹ Ap 22, 17.

Obrigada, Senhor...! Obrigada, Senhor...! Obrigada, Senhor...!, porque deste-nos por graça, por participação, o que Tu és e tens por natureza! Quem somos nós para ser criados para viver a mesma vida que Deus vive, gozar em seu mesmo gozo, saborear em seu mesmo saboreamento, cantá-lo em sua mesma Canção e amá-lo no seu mesmo Fogo? Como agradeceremos a Deus o que fez conosco? O que faremos com o seu infinito presente? Como corresponder-lhe?

Pois, não só meteu-nos na sua vida dando-nos participar da sua atividade eterna, mas que, ademais, criou-nos para que participássemos das infinitas perfeições do seu ser. Pelo que pôs em nós capacidades e exigências quase infinitas de beleza, de riqueza, de formosura, de posse, de felicidade e de amor, que Ele nos saciaria com a participação da sua riqueza e, assim, fôssemos formosos com a sua formosura, felizes com a sua felicidade e repletos com a plenitude participativa da sua mesma Divindade.

E também Deus deu ao homem capacidades de possuir toda a criação, de tal forma que o fez mais perfeito que toda ela: rei, dominador, contentor e recopilador de toda ela; abrangendo, tendo e contendo plasmada em si de alguma maneira a exuberante, plena e variadís-

sima riqueza da criação inteira, que só pode ser descoberta, conhecida e penetrada saboreavelmente através dos dons do Espírito Santo.

Sendo o homem capaz de interpretar, descobrir, manifestar e dar sentido a essa realidade esplendorosa que, como manifestação da perfeição infinita, expressa a glória de Deus.

Que plenitude de matizes! Que imensidade de riquezas as do universo! Que profundidade a do seu descobrimento!

A criação inteira é um grito que, rebentando em perfeições, expressa algo, em sua maneira finita de ser, da infinitude exuberante da perfeição do ser de Deus.

Milhões e milhões de folhinhas das árvores...! Milhões de criaturas que, em seu canto e do seu modo, manifestam as grandezas do Eterno: o rugido do mar..., a imensidade dos bosques..., a grandeza do firmamento em sua diversidade quase infinita de mundos..., a ordem do universo..., o rugido do vento..., o cântico do pássaro..., a simplicidade da flor..., o esplendor do trovão, o sibilar da brisa..., o silêncio da noite..., a beleza da luz...! Tudo vai expressando, em seu modo de ser, em seu estilo, a terribilidade do Eterno em sua majestade simplicíssima de concerto de amor!

E a criação inteira e todas as criaturinhas por pequenas e insignificantes que pareçam, têm em

si a sabedoria do Pai que as fez tão formosas, sendo com o Verbo expressão da riqueza divina, obra mediante o amor do Espírito Santo que se reflete na diversidade incontável de todas e cada uma das criaturinhas do universo. Sendo toda a criação um grito de expressão e manifestação das grandezas de Deus.

Como reflete-se em toda ela a imensidade do Criador! Como manifestam-se as suas riquíssimas perfeições! «São insensatos por natureza todos os homens que ignoram a Deus, os que, partindo dos bens visíveis, não foram capazes de conhecer “Aquele que é”; nem tampouco, pela consideração das obras, chegaram a reconhecer o Artífice... De fato, partindo da grandeza e da beleza das criaturas, pode-se chegar a ver, por analogia, Aquele que as criou. Portanto, eles não têm desculpas»¹⁰.

Em toda a criação, foi derramando-se Deus em seu esplendor infinito, em seu poder, em sua força, em sua beleza, em sua riqueza, fazendo de toda ela uma explicação canora que o refletisse.

A criação inteira está gritando: «Deus», está expressando: «Infinitude»! Toda ela, de modo finito, está cantando o Infinito. «Os céus nararam a glória de Deus, o firmamento anuncia a obra de suas mãos»¹¹.

¹⁰ Sb 13, 1. 5.; Rm 1, 21.

¹¹ Sl 18, 2.

Todas as coisas cantando vão a vida do meu Deus; tudo no Verbo expressando, em sua infinita Expressão, o inesgotável canto do *ser-se* do meu Senhor...

Vamos, que cantem as flores, o ar com seu rumor, o mar com as suas ondas bravas...!; que vá tudo explicando, em seu *ser-se* explicação, em seu romance de vida, sua só canção de Deus!

Todas as coisas criadas vão-me cantando o meu Deus. Tudo, em seu *ser-se* criado saindo do Criador, num estouro de vida, diz a glória de Deus.

Venham...! Venham todos os poetas, e até o mesmo Salomão, vejamos se fazem um poema como o que meu Deus criou...!

Calai, calai, passarinhos...!; calai todos vossa voz...!; porque, ouvindo seu concerto, só expressão do meu Deus, ficando transcendendo, quero o silêncio de Deus...

Calai, calai, florzinhas! Não interrompais esta união que, entre minha alma e o Verbo, fundiu o mesmo Deus...!

Que eu me sinto entranhada no *ser-se* de meu Deus, cantando toda a sua vida em sua mesma Explicação...!

Que calem as harmonias...! Que não se ouça a sua voz...! Que interrompem o concerto que estou ouvindo em meu Deus...!

Todo meu Deus é Silêncio...! Silêncio em Explicação, num *ser-se* silencioso de tão silenciosa Voz, que, de tanto ser Silêncio o ser eterno de Deus, rompe, por seu *ser-se* eterno, em sublime Explicação...!

Explicação que, em silêncio, diz o ser do meu Senhor, em tão íntimo silêncio, que é em silêncio a sua Voz!

Ó, que ser mais silencioso é o *ser-se* de meu Deus...! Eu já encontrei meu silêncio em teu *ser-te*, meu Senhor, em teu *ser-te* silencioso silenciosa Explicação que diz, numa Palavra, o *ser-se* eterno de Deus...!

Ai, que estouro de vida é o *ser-se* do meu Deus...! É toda vida fecunda! É todo amor em Canção...! E por Ele todas as coisas, por *ser-se* Ele a Expressão, foram feitas à imagem da sua mesma perfeição!

Ó, que criação suprema saiu desta Voz, como explicação finita do mesmo *ser-se* de Deus...!

Homem, criado para dar sentido à criação, para ser a voz que responda por toda ela diante do Criador...! Toda a criação está em espera de que tu glorifiques a Deus por ela. Porque Deus, quando formou as criaturas irracionais, fê-las para o homem, para o seu desfrute, para a sua posse, para o seu gozo; e por isso criou-as sem voz, sem entendimento, para que o homem, sendo voz e intérprete de todas elas,

dera-lhes o seu verdadeiro sentido diante de Deus e diante dos mesmos homens.

«Criaturas todas do Senhor, bendizei ao Senhor, exaltai-o com hinos pelos séculos... Bendizei a Iahweh, todas as suas obras, nos lugares todos que Ele governa»¹².

Alma do homem, tão grande, tão transcendente, criada para o mesmo Deus para possuir o mesmo Infinito no modo que Ele se possui e na maneira que Ele se vive; tendo, participando e possuindo por graça o que Ele tem por natureza...!

Deus presenteou-te seus dons de sabedoria, de ciência, de fortaleza... Para que fosses capaz, com o dom de sabedoria, de possuí-lo; com o dom de ciência, de dominar, possuir e dar sentido a toda a criação...; e como fruto da posse de Deus e a posse perfeita também das coisas, vivesses repleto na paz, no gozo, na espera, na plenitude e na alegria do encaixamento completo dos planos de Deus, diante d'Ele e das criaturas.

Desta maneira criou Deus o homem no princípio, com estas capacidades quase infinitas diante d'Ele, e com estas capacidades imensas, de domínio do entendimento, diante da criação: sendo o rei dominador de toda ela, que a

¹² Dn 3, 57; Sl 102, 22.

penetrava intuindo as profundidades dos seus segredos, e dominava-a submetendo-a sob o escabelo dos seus pés. Pelo que era capaz de descobrir nela o seu verdadeiro sentido e o porquê da sua riqueza, de todas e cada uma das suas criaturas.

Por isso o homem, no princípio dos tempos, no Paraíso terrestre, soube dar a cada coisa o seu verdadeiro sentido com a luz do Espírito Santo que, repletando-o com seus dons e frutos, fazia-o ser ditoso, sem nada desejar, sem nada apetecer, em espera serena e amorosa do dia do encontro definitivo, em luz clara, com a divina Sabedoria, em seu abraço de eternidade.

Era tão feliz que, segundo vemos pelo Gênesis, Deus descia pelas tardes a falar com ele. Com isto, o autor sagrado tenta descrever-nos a comunicação amistosa, íntima, em que o homem vivia com relação a Deus. E no-lo descreve, ademais, como estava entre animais ferozes, sem ter que defender-se deles, mas sendo seu dominador. E comprovamos como o Criador, ao ver-se refletido em suas criaturas, gozava nelas: «Deus viu que tudo era bom»¹³.

No encaixamento da vontade divina, o homem era feliz com Deus e Deus gozava com o homem. Este tinha tudo quando necessitava, em plenitude. Nada, nada pôde o ser criado por

¹³ Gn 1, 10. 31.

Deus apetecer que o Infinito não lhe dera por graça, e não fosse a conceder-lhe um dia não longínquo em luz de eternidade. E tudo era dita, tudo era luz, tudo era paz...!

Até que um dia a mente do homem ofuscou-se, como Lúcifer, diante da mesma grandeza que Deus operara nele.

Deus fez ver ao homem o que Ele era em si, por si e para si, como Princípio de todo ser, como Incruido diante da criatura, manifestando-lhe: Isto sou Eu, isto fiz contigo. Reconhece que Eu sou por mim mesmo e que tu és o que és por mim mesmo. Tudo quanto Eu tenho, por mim mesmo, em mim e para mim o sou; tudo quanto tu és e tens, de mim o recebeste como manifestação do meu amor infinito por ti. Reconhece-o!

E o homem olhou para Deus, e o viu tão esplendoroso, tão rico, que caindo subjugado, cheio de reverente respeito, em retorno de agradecimento e amor, adorou-o!

Mas, olhou-se a si e viu-se reflexo vivo de Deus, manifestação das suas infinitas perfeições; viu-se Deus por participação, rei da criação, dominador, possuidor dela, feliz...

E, ó loucura da mente da criatura diante do Criador!, creu-se suficiente, como Deus, e, num delírio de inimaginável insensatez e loucura,

volvendo-se ao seu Criador respondeu-lhe: não me submeterei ao teu plano!

Terrível momento...!, arrepiante...!; tão incompreensível como absurdo...! Com este «não» monstruoso, o homem rompeu os planos de Deus sobre ele, como rompeu-os Lúcifer. «Mas eles violaram o pacto em Adão, lá me foram infiéis»¹⁴.

Volta novamente a olhar para Deus e, ó surpresa!, perdeu-o...! E, ao perdê-lo, ficou sem sentido, sem razão de ser. Busca-o e não o encontra, porque, diante do seu «não» arrepiante de soberba cheia de suficiência, Deus deixou-o só e, ao ir embora, foi-se com todos os seus dons. Ficando o homem obscurecido por ter-se rebelado contra Deus pela sua soberba; a qual obscurece a sua mente deixando-o em trevas de desconcertadora amargura, em noites de morte e terrível e tenebrosa desolação. E, ao olhar-se, o homem encontra-se sem a sabedoria que iluminava e enchia seu ser dando sentido a toda a sua vida, sem ciência, sem dons, sem frutos, sem gozo, sem posse do Infinito, sem razão de ser...! Já nunca poderia possuir Deus! Já não podia contemplar com o Pai a sua infinita perfeição...! Já nunca expressaria com o Verbo a canção infinita do Amor eterno...! Já não saberia de posse de Espírito Santo...! Perdeu Deus

¹⁴ Os 6, 7.

e perdeu-o para sempre..., para sempre...! E, com Ele, perdeu tudo!

Este homem, na angústia terrível da perda do Bem amado, volve-se para a criação para pedir-lhe ajuda, e experimenta o «não» de toda ela que lhe diz: «não te servirei», e que se rebela contra ele; experimentando que perdeu o seu domínio e que, em sinal de protesta, já não se submete a ele.

Pobrezinho do homem...! Que fará agora? Porque toda esta criação exuberante, cheia de plenitude, de vida, de juventude, ficou em silêncio e sem sentido, ao romper o homem o plano de Deus de que fosse a sua voz em explicação de resposta ao Criador; pois não tem quem expresse a perfeição da sua riqueza, já que, desde este momento, a mente do homem, ofuscada, dá à sua própria vida e a todas as criaturas um sentido distinto do que têm.

Já o homem é conhecedor por experiência, não só da ciência do bem, mas da ciência do mal!

Terrível situação a do homem!, arrepiante...!, que experimenta que as suas próprias capacidades, criadas para encher-se com a posse de Deus e de toda a criação, exigem-lhe, clamam-lhe, em torturas insaciáveis, a sua plenitude; e, desorientadas e torcidas, buscam o amor aonde

e como não está; buscam a felicidade, a posse, a alegria, o gozo, a justiça, a paz que só Deus pode dar; mas, ao terem-se torcido, enchem-nas contra a vontade divina; com o que, em vez de dar-lhe paz, posse e felicidade, dão-lhe amargura, desassossego e perda.

Isto mesmo sucede-lhe diante da criação, que a possui do modo torcido e distinto de como Deus quer. «Toda a criação está esperando ansiosamente o momento de se revelarem os filhos de Deus. Pois a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua livre vontade, mas por sua dependência daquele que a sujeitou»¹⁵. E daí procedem as injustiças, os pecados, os ódios, a desgraça em que nos encontramos diante do mesmo Deus, diante dos demais e diante da criação, por encher ou tentar encher as exigências do nosso ser com o que Deus não quer e do modo que a Ele não lhe agrada.

E assim o homem perdeu tudo e para sempre, ficando «em trevas e em sombras de morte»¹⁶, buscando, numa sede insaciável e implacável, novamente e com novas torturas, a plenitude das capacidades que só no encaixamento dos planos divinos tinham seu verdadeiro sentido.

Que terrível é dizer a Deus «não»! Que irracionável não reconhecer a realidade perfeita de

¹⁵ Rm 8, 19-20.

¹⁶ Lc 1, 79.

Deus em si e de Deus conosco! Que monstruoso é rebelar-se contra o Amor infinito, que, em manifestação de doação amorosa e eterna, criou-nos para possuí-lo, enchendo todas as nossas capacidades quase em infinito, e para possuir todas as coisas na verdadeira posse, felicidade e desfrute de todas elas! «Reconhece e vê como é ruim e amargo teres abandonado a Iahweh, teu Deus, e não teres mais o seu temor –oráculo do Senhor–. Não é de hoje que quebraste o jugo e rompestes as amarras. Disseste: Não quero sujeitar-me»¹⁷.

Por dizer a Deus «não», o homem perdeu-o para sempre, para sempre...!; ficou sem sentido!; deixou a criação em silêncio e em torturas de morte, gemendo toda ela pelo Libertador que a restaure dando-lhe novamente seu verdadeiro e único sentido.

E, como o céu fechou-se para ele, se a morte chega-lhe nesta terrível e arrepiante situação, perpetuar-se-á caindo naquele lugar onde os que disseram a Deus «não», como Lúcifer, mantém-se nesse «não» de rebelião perpétua com todas as suas conseqüências; e, portanto, em separação de Deus para sempre, no abismo da escuridão perpétua, em alaridos de desespero e torturas eternas, para sempre!

¹⁷ Jr 2, 19-20.

Que terrível é dizer a Deus «não»!! Que arrepicante é dizer a Deus «não»!!

Que bom é Deus, que fez em mim e de mim tais maravilhas...! Que terrível é a mente da criatura, que disse a Deus «não» e, com isso, perdeu tudo, e para sempre...!

Mas Deus, cheio de infinito amor misericordioso, novamente voltou-se para o homem que, desterrado, vagava sem rumo nem sentido por este peregrinar. E, movido pela compaixão, passando junto dele, olhou-o; e inclinando-se para ele, falou-lhe de novo, enchendo a sua alma de esperança mediante a promessa de uma Nova e eterna Aliança; feita ao Povo eleito, do qual nasceria o Messias, o Libertador e o Restaurador da humanidade. «Éramos por natureza como os demais, filhos da ira. Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo: pela graça fostes salvos»¹⁸.

No Verbo e pelo Verbo foram feitas todas as coisas. E pelo Verbo feito homem –que mediante o mistério da Encarnação, e pela união hipostática da natureza divina e a natureza humana em sua Pessoa divina, uniu Deus com o

¹⁸ Ef 2, 3-5.

homem num abraço compassivo, cheio de misericórdia e amor—, depois da ruptura do plano de Deus, todas as coisas, não só já foram criadas, mas restauradas, pelo mistério da vida, morte e ressurreição de Cristo.

O qual, pelo preço do seu sangue derramado na cruz para a glória do Pai, em reparação infinita do Deus ofendido, remiu o homem; e, na plenitude e pela plenitude do seu Sacerdócio, trouxe a salvação para todo aquele que queira beneficiar-se dos méritos infinitos da sua redenção. «Pois n'Ele aprouve a Deus fazer habitar toda a plenitude e reconciliar por Ele e para Ele todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue da sua cruz»¹⁹.

E aquela voz que se apagara diante do «não» da criatura ao seu Criador, volta a ressoar vigorosa, infinitamente mais clara e sonora, pelo Unigênito do Pai feito homem, em Expressão canora do mesmo Deus e de tudo o que por Ele e n'Ele foi criado.

E toda a criação, como num estouro de alegria, regozija-se tão esplendorosamente no Verbo Encarnado, que o homem, que cantava a Infinitude de modo finito, dá agora, por Cristo, n'Ele e com Ele, um grito infinito que, chegando ao peito do Altíssimo, em seu vibrar divino dá a sua nota de eternidade, pulsada no

¹⁹ Cl 1, 19-20.

mesmo seio do Pai, pelo esvoaçar amoroso do Espírito Santo...

Voz de vida divina do Homem-Deus que, no mesmo seio do Pai e desde o seio do Pai, é lançada amorosamente através da humanidade de Cristo, em vibrações infinitas, até os últimos confins da terra. «Aclamai a Deus, terra inteira, cantai hinos à glória do seu nome; dai glória em seu louvor. À tua frente toda a terra se prostra, e canta para Ti, canta para o teu nome»²⁰.

Ó meu Esposo, Verbo divino, Canção eterna, que cantas o eterno *ser-se* do Deus altíssimo...! Por seres Tu Palavra, a Palavra infinita da Trindade na Unidade e do seu *ser-se* eterno, tinha que ser em Ti, não somente pelo que o homem fosse criado à imagem e semelhança do mesmo Deus para que o possuísse, mas também restaurado.

Porque, feito em Ti e por Ti expressão finita do teu *ser-te* eterno, ao cessar sua canção pelo pecado, tinhas que ser Tu, Palavra infinita, a que, encarnando-te, restaurasses o homem caído e deixasses ouvir neste, novamente, a tua Palavra canora de amor eterno...

Se em Ti foram criados, em Ti tinham que ser restaurados!, já que o pecado fizera calar nelas a voz que só Tu, Palavra eterna, podias vol-

²⁰ Sl 65, 1-2. 4.

tar a dar mediante a Encarnação. E já por Ti, em Ti e contigo, Jesus, unigênito do Pai, com tua mesma Voz, o homem, não somente canta finitamente a vida do seu Pai Deus, mas que, por tua Encarnação, o raio da tua luz iluminou a sua mente, fazendo-o dar contigo o som de amor eterno que só Deus pode cantar-se.

E agora o homem já tem no céu um Homem, o Primogênito entre todos os irmãos da sua mesma natureza, que, sendo Homem, é Deus; e já Deus tem na terra o seu mesmo Filho que, sem deixar de ser Deus, é Homem... E já o Homem está cantando ao Infinito sendo Deus, e Deus está cantando na terra infinitamente ao infinito Ser, sendo homem...

Obrigada, Senhor! Obrigada, Senhor...! Meu espírito, reverente, anonadado e ultrapassado de agradecimento, quer ser um hino de louvor da tua glória, que manifeste de alguma maneira, desde a miséria da minha ruindade, a excelssitude excelsa da tua infinita e coeterna Santidade, que nos pede, em frase de Jesus: «sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito», e «sede santos, porque Eu sou Santo»²¹, diante da exigência da sublimidade do fim para o qual fomos criados.

²¹ Mt 5, 48; 1 Pd 1, 16.

8-12-1974

REQUEBROS EM SILÊNCIO

Quando entendo os mistérios do Deus vivo,
eu o adoro e, em seu *ser-se*, o venero,
em resposta que é um canto de louvor,
entoando meus cantares como posso.

Com promessas de acesas petições,
Deus é doce na profundidade do meu peito,
em requebros de conquistas silenciadas
que me deixam, com minhas noites,
transcendendo.

Eu o chamo com clamores de amor puro,
e Ele responde com a brisa do seu vôo,
e se acerca com imenso poderio,
remontando minhas vivências ao seu seio.

E ali vivo no silêncio o que Ele vive,
no toque delicado do seu beijo.
Que palavras de requebros nos dizemos,
sem dizer-nos mais que amor em modo quedo!

O silêncio é o mistério da minha vida
com claustrais melodias de segredo.
Que sonoras são as vozes do Deus vivo!;
em minha profundidade pronunciadas eu as sinto.

Que zeloso é o Herói dos meus amores
que, em conquistas, me reclama por inteiro!
Se o busco, Ele se lança à minha chamada,
e me beija com marcas de mistério.

Está dentro meu Amador, sinto-o perto,
pois o tenho descansando e satisfeito.
Que me importam os penares da vida,
se respira meu Senhor dentro, em meu peito?

Do livro «Frutos de oración»
«Frutos de oração»

969. Eu fui criada para escutar, posta na boca da Fonte do gerar divino, aquela rompente de inexaurível Explicação que, na fluidez do seu mistério, rompe dizendo em infinitude de concertos de ser, pelo Verbo, toda a plena e exuberante perfeição d'Aquele que É eternamente em seu *ser-se*, envolto e penetrado no abraço arrulhador, carinhoso e infinito do Beijo do Espírito Santo. (14-9-74)

971. Meu Deus, há distância infinita entre teu ser e meu ser, entre a tua divindade e a minha pequenez... Distância de natureza, sim, mas na união estreitíssima do amor do Espírito Santo. (11-10-74)

972. Sou Igreja e, por isso, tudo quanto Deus é em seu *ser-se* eterno eu o desfruto, participando da sua felicidade, sob o impulso amoroso do Espírito Santo. (14-9-74)

413. Deus quer dar-se-nos, e se dá em sua Trindade, porque a obra de Deus para fora sempre é realizada em conjunto: o Pai se dá pelo seu Verbo no Espírito Santo. (9-1-65)

411. As três divinas Pessoas querem dar-se-nos em sua vontade única; então o Pai deseja-o, o

Filho cumpre-o e o Espírito Santo termina-o; e assim os Três o fazem, mas na sua maneira pessoal; pelo que, incluído nesse querer trinitário, cada um atua do seu modo: o Espírito Santo, impulsando o Pai e o Verbo a fazê-lo, e impulsando-nos a recebê-lo e a escutar o que o Pai, pelo Verbo, quer dizer-nos; o Verbo, expressando tudo às divinas Pessoas e a nós; e o Pai, dando-nos em Explicação e em Amor sua vida, ou seja, no-la dando em Sabedoria Amorosa. (9-1-65)

412. As três divinas Pessoas são sabedoria amorosa; mas como, ao atuar para fora fazem-no em conjunto, o seu plano realiza-se pela sabedoria do Pai Expressada em Amor, ou seja, em conjunto; e por isso, o Pai quer uma coisa, o Verbo expressa-a e o Espírito Santo consuma-a, sem ser em Deus uma atuação antes que outra, ainda que, ao submeter-se ao tempo, efetua-se no tempo; e por isso o Pai dá-nos o Filho, Este se encarna pelo Espírito Santo, o qual depois consuma a obra. (9-1-65)

416. Deus vive a sua vida e, vindo a nós, segue vivendo-a conosco e, abraçando-nos, faz-nos viver a nossa vida com Ele e n'Ele. (9-1-65)

417. Deus atua como vive e como é, pois, por perfeição da sua grande realidade, Ele vive o que é, é o que vive, e atua como vive e é. E

como é três divinas Pessoas num só ser, assim atua como Trindade unicíssima, e o que vive dentro manifesta-se ao atuar para fora; e assim, pela Igreja, mostra-se-nos a multiforme sabedoria de Deus oculta n'Ele desde sempre. (9-1-65)

418. Todo Deus é Palavra de infinita explicação, pelo que o seu dizer em nós é atuar-se como é e no que diz, fazendo-nos ser captação do seu dizer eterno. (6-10-74)

419. Quando o Pai e o Filho dão-se para fora, é com o Espírito Santo, e por isso, os dons e frutos do amor de Deus sobre nós são comunicados pelo Espírito Santo em sabedoria amorosa. (23-1-65)

420. Deus, atuando sempre em comum para dentro e para fora, o faz como é: um só Deus em três Pessoas; Pessoas que dizem relação umas com as outras. Acontece igual quando as divinas Pessoas atuam na alma, que o fazem em comum, mas com a sua personalidade própria. Os Três amam-nos, os Três ensinam-nos e dão-se-nos em comunicação única, mas trinitária de Sabedoria Expressada em Amor. (11-9-65)

970. Anseio entrar nos insondáveis mananciais do Ser eterno, onde Aquele que É infinitamente está *sendo-se* por si mesmo quanto é e quanto pode ser, na potência plena da sua inexau-

rível perfeição. E «ali», afundada em sua profundidade, beber nas veias da concavidade daquela Fluente eterna, saturando-me na embriaguez do seu savorosíssimo saboreamento.
(14-9-74)

16-3-1969

TEU TOQUE EM MISTÉRIO

Teu toque em minha alma me diz
silêncio,
e, quando calo, –mistério!–,
te sinto.

E, diante do teu contato divino,
me abismo, me perco,
e na tua profundidade profunda, ali no profundo,
te vejo entre véus.

E no meu peito ferve
uma chama de eterno segredo.
E com a tua substância repleto minhas ânsias
na luz do teu fogo
que me cauteriza
muito dentro,
onde, sem saber como é,
eu te tenho
num saborear
de eterno mistério;
que é vida sem coisas daqui,
e sem tempo,
numa harmonia que é luz, que é amor
e é concerto.

Que doce ter-te sem coisas de aqui,
sentindo teu toque em silêncio!

961. O Amor infinito ama-nos com todo o seu inesgotável ser, já que em Deus não há partes, e quando derrama-se sobre nós, é toda a Trindade quem se dá a nos, para fazer-nos filhos de Deus e herdeiros da sua glória; mas, a medida da nossa divinização depende da medida da nossa entrega ao seu amor santificador. (26-6-61)

962. Até onde chegou Deus no excesso do seu amor que, querendo ser meu Pai, fez-me seu filho...! (25-9-63)

963. Deus me faz seu filho, para que o ame e o tenha que chamar Pai. (25-9-63)

964. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são meu Pai Deus em sua Unidade e em sua Trindade. Todo Deus quer comunicar-se à minha alma; todo Deus é meu, para mim, porque eu sou Igreja católica, apostólica e romana; e, na medida que o seja, viverei minha filiação divina. (15-9-63)

965. Jesus veio para fazer-nos filhos de Deus, e de que modo...! Deu-nos o olhar do Pai para que o olhássemos; sua canção, como Verbo, para que o cantássemos; e o amor do Espírito

Santo para que o amássemos e nos amássemos entre nós. Que grande é ser Igreja! (25-1-75)

966. Na medida em que vivas a tua filiação divina, serás Igreja, membro de Cristo, recebendo a sua missão para comunicá-la a todos os homens. (15-10-63)

967. Meu Pai Deus dá-se-me em sabedoria e amor, para que eu o saiba amorosamente. (26-9-63)

968. Deus é sabedoria e amor em sua vida divina, e ao criar-me para ser seu filho, chama-me a viver a sua mesma vida de amor sapiencial. (26-9-63)

26-12-1974

DOÇURAS INEFÁVEIS

Doçuras inefáveis, em passos do Imenso,
que, de maneira queda, ferem
em lento penetrar...

É Deus que, em poderio, lança-se
à alma amante,
beijando docemente em terno requeimar.

Doçuras do Deus vivo que,
em ténues teclares,
convidam ao silêncio, para poder atuar
com passos de mistério em espírito ferido
que clama de maneira queda
em nostálgico amar...

Deus é Amor e Amante, e não tem quem seja
igual a Ele
quando passa em carinho, querendo ficar.
Meu peito é um romance de ternas melodias,
que responde, do seu modo, ao divino Jogral.

Canções de Aquele que É Ele diz
no meu interior,
e, em seu divino acento, expressa-me
a sua Divindade.

Minha alma já é conquista do Lutador glorioso,
troféu do seu Sangue, que o faz repousar.

Jesus dos meus afãs, escuta no meu interior,
vibrante de saudades, um só palpitar:
tuas glórias são minhas glórias e,
em ordem de batalha,
disposta a defender-te, minha hoste
em guarda está.

Dispõe, como te agrada,
de quanto me entregaste;
minha vida é responder em doação de entrega
sem nada reclamar;
tudo quanto possuo é teu,
Amor de meus amores,
e nada nisso busco: só teu descansar!

Se algo eu tivesse que Tu
não me tenhas dado,
retorno-o inteiro a Ti em doação total!
Mistério de segredo em horas silenciadas,
profundos pensamentos que passam por acaso...

Nada é tão doce e terno como sentir o beijo
de Deus que está passando com beijos de paz.
Que doce é a carícia da roçadura
do seu peito...!
Que inédito mistério se vive diante do altar...!

Prostrada diante do sacrário, escutando
o Silêncio
do imenso Segredo em eterno expressar,
adora, alma querida; não tentes com palavras
dizer o Indizível em seu modo de atuar.

Responde como possas!,
que Deus passa em beijar...

545. Deus, que *se é* por si mesmo, cria criaturas tão perfeitas, que são capazes de possuí-lo por ter-lhes dado um ser à sua imagem. E a criatura, ao ver-se tão perfeita e que é, diz quando peca: «Não quero submeter meu eu a nada». Com isso perde a razão do seu eu dependente do Eu divino e, ficando sem razão de ser eternamente, não podendo já viver do Infinito, único capaz de fazê-la feliz, tudo converte-se-lhe em tortura eterna. (15-9-66)

547. Deus é o Bem supremo, pelo que o homem, criado com liberdade de escolher, quando não o vê em luz, busca seu bem próprio fora do sumo Bem e, por isto, cai. (9-1-65)

549. O inferno é para os que voluntariamente não queiram estar com Deus, mas não para ti que anelantemente o buscas. (21-4-67)

550. Terror...! Que abismo tão insondável o da condenação...! Quem cai nele, nunca mais poderá sair da profundidade profunda das gretas do seu seio! (1-10-72)

551. Acabou-se o tempo..., chegou o fim..., estás nas portas do abismo! Se caíesses nele, jamais poderias sair... Olha como vives, porque o termo está perto! (1-10-72)

552. Duvidas de que existe o abismo e por isso vives como se não existisse? Que farás quando, pela inconsciência do teu voluntário olvido, talvez te vejas nele? (1-10-72)

553. Convém-te pensar que não existe o abismo do vulcão aberto onde caem os que se separam de Deus, para assim poder viver, como se não existisse, sob a escravidão de tuas próprias concupiscências? Que farás quando, ao descobrir que erraste, já não estejas em tempo? (1-10-72)

556. Que reinado mais pobre e mais absurdo o do demônio! Tanto como o daqueles que, em trevas como ele e cegos, seguem-no. É tão tosca e ruidosa a sua atuação e a dos que o seguem, como fina, silenciosa, sagrada e profunda nas almas, é a de Deus. (27-3-76)

557. O plano de Deus é que não vás ao purgatório; se vais, é vontade permissiva sua, mas não a sua complacência. (29-9-65)

30-1-1973

NADA DIZ NADA...
O HOMEM ESTÁ CEGO!

Tudo, no desterro, envolve em suas sombras
os grandes mistérios.

Tudo, atrás de suas noites, fica escurecido
e envolto entre véus.

Tudo, até as coisas que são mais sublimes,
ainda que seja o céu.

Tudo, porque o homem,
no universo,

rompeu, ao rebelar-se contra o Infinito,
os planos eternos.

E, ao cair prostrado, o homem nublou,
com seu desconcerto,

a luz que irrompia
do seu pensamento,

a qual dominava,
com um grande império,

o mundo criado
segundo o Imenso.

E assim, as trevas
a mente do homem cobriram;

e este confundiu
tudo o que é bom,
dando-lhe um sentido
profano e rasteiro,

ficando em silêncio
a voz do Eterno,
que se manifesta nas criaturas
e na criação com vozes de fogo.

E por isso o mundo
vaga no mistério,
já que, cego, o homem
cegou o pensamento
que Deus lhe infundira para que expressasse,
em sabedoria, com seu dom imenso,
quanto é criado,
em modo certo;
e desde aquele dia que envolvem as sombras
o que é deste solo,
tudo o infinito
ficou no segredo.

Só assim se explica que um sacrário fique
sumido em silêncio,
como aprisionando, com grandes cadeias,
a luz radiante que envolve o Excelso...!
Um sacrário em sombras que não diz nada
ao homem profano que não descobriu
a chama candente, oculta entre sombras
atrás da portinha desse cativo...

Nem a criação
com sua voz de trovão,
com mares profundos,
com bosques imensos,
na variedade
do seu grande concerto...

Nada diz nada,
tudo está em silêncio
para quem não entrou,
com seu pensamento,
com a luz eterna, nas variedades
do grande universo.

Nada diz nada,
nem sequer o céu...!

Nada diz nada, nem talvez a morte
com seu desconcerto,
para o homem cego que se separou
do caminho aberto.

Nada diz nada...!
por fundos que sejam os grandes mistérios
que envolve a vida; nem um sacrário
em sombras
que oprime em sua profundidade a Glória do céu...

Nada diz nada...!
o homem está cego!

11-7-1974

OPRIME-ME O CÍRCULO DA CRIAÇÃO

Sou criada para a Eternidade, para a imensidade imensa do Ser, para a vida perfeita d'Aquele que É eternamente, para a posse sem tempo, sem limites e sem fronteiras da inesgotável Perfeição.

Deus fez-me para Ele, para seus modos e estilos, para suas maneiras e formas; para entrar com seu entendimento na luz plena da sua luz, na contenção dos seus imensos sóis, na abrangência infinitamente abrangente da sua Família Divina.

Fui criada para saber de que sabe Deus em sabedoria de entendimento saboroso, e em penetração intuitiva de seu gozo simultâneo e eterno; para cantar com a Canção que, em infinitude de maneiras de ser, o Verbo *se é*, e entrar no concerto das suas infinitas perfeições; para amar com o amor substancialmente perfeito do Espírito Santo.

«O que Deus preparou para os que o amam é algo que os olhos jamais viram, nem os ouvidos ouviram, nem coração algum jamais pres-

sentiu”. A nós, Deus revelou esse mistério através do Espírito. Pois o Espírito sonda tudo, mesmo as profundezas de Deus.

Bendito seja o Deus... que em sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma esperança viva, para uma herança incorruptível, imaculada e imarcescível reservada nos céus para vós»¹.

Não fui destinada a arrastar-me pela terra, mas a viver na elevação coeterna da minha Família Divina. E eu tenho ânsias como eternas de levantar meu vôo e encaixar-me no centro da minha razão de ser.

Pelo que a terra, e ainda mais, a imensidade esmagadora do universo, resulta-me estreita, apertada!; fazendo-me perceber a sensação de que me oprime em seu círculo, de que me encerra no cárcere da sua limitação...; de que não me deixa sair da finitude de suas muralhas!, para voar para a liberdade livre, para a posse sem limites, onde não existem fronteiras, onde nunca teve um princípio e não existirá o fim, e onde respira-se com os pulmões do espírito, abertos em espaciosidades imensas, na posse do imenso Ser em seu *ser-se* por si mesmo Aquele que *se É*, sem necessitar de nada nem de ninguém, de tempo nem de lugar...; ali! onde Ele *se é* tudo quanto pode ser e quanto

¹ 1 Cor 2, 9-10; 1 Pd 1, 3-4.

pudesse necessitar, num ato simplicíssimo de subsistência infinita de vida trinitária. «Que tenho eu em meu favor no céu? Fora de ti, ninguém mais desejo sobre a terra. Minha carne e meu coração desfalecem; rochedo do meu coração e minha porção é Deus para sempre!»².

Às vezes, ao surpreender as exigências do meu espírito e as apetências do meu pobre ser, eu mesma fico perplexa com medo de expressar meus sentimentos. Porque, a quem poderei dizer que me resulta pequeno o universo, que me oprime a limitação das suas fronteiras e que e que me encerra o apertamento da sua abrangência? Como manifestar que me sinto oprimida e como encerrada diante da contemplação da imensidade do mar, diante da plenitude e exuberância dos bosques, com necessidade de dar um salto e sair, libertando-me de tudo o que é criado, e encontrar a liberdade só na mansão infinita do infinito Ser?

Obrigada, Senhor, de que vivas em Ti mesmo sem mansão, sem limites e sem fronteiras...!

Obrigada de que Tu sejas em Ti a Eternidade e a Posse, a Plenitude e a Imensidade; de que tenhas em Ti o poder de *ser-te* o que *te és*, sem que em Ti exista um princípio, sem que te con-

² Sl 72, 25-26.

trole um fim, sem que te abranja nada que não sejas Tu mesmo em tua eterna e perfeita abrangência...!

Obrigada, Senhor, por fazer-me experimentar, no círculo circunscrito da criação, a necessidade eminente de minha próxima libertação...!

Obrigada por fazer-me semelhante a Ti, infundindo-me a desnecessidade de coisas, que Tu tens para *ser-te* por Ti mesmo o que *te és*...!

Obrigada, Senhor, por esta experiência como de claustrofobia que sinto na terra pelo encerramento que experimento diante da opressão de todas as coisas, que aprisionam minha alma criada para a eterna Perfeição...!

Tudo na terra fica para mim pequeno; tudo aumenta minhas angústias, oprime minha libertação e corta o vôo da minha ascendente carreira.

Às vezes sinto medo de expressar minhas vivências, porque a compreensão do homem também está encerrada no limite do seu pequenino entender. E, como dizer-lhe as torturantes apetências do meu coração, ansiando e buscando a libertação do cárcere em que me tem encerrada a criação? Como decifrar, aos que vivem subjugados pela imensidade plena do universo, meus sentimentos diante dele?

Se os homens soubessem o que são para o meu olhar espiritual todas as criaturinhas em sua diversidade de espécies, em sua plenitude de beleza, reflexos todas da infinita Perfeição...! Se os que me acompanham em meu peregrinar pela terra percebessem o concerto que, em sua exuberante explicação, eu intuo em todas as criaturinhas...!

Porque todas e cada uma das coisinhas criadas por Deus encerram em si e manifestam à alma que desfruta do dom de ciência, como são reflexo, não só do Ser em sua diversidade de infinitude de matizes, mas também das divinas Pessoas em seu modo e maneira pessoal. Pois, quando o homem penetra profundamente a criação, descobre nela a mão do Ser vivente, que, derramando-se em sabedoria, a fez expressão canora de suas maravilhosas perfeições, sendo todas elas manifestação do seu concerto eterno. E tanto a criação inteira, na imensidade do seu conjunto, como cada um dos átomos mais pequeninos, contêm em si, em seu modo, forma e estilo, a sabedoria do Pai, a expressão do Verbo e o amor do Espírito Santo.

Deus tem possibilidade de criar imensos mundos em diversidade de maneiras, modos e estilos. Porque Ele é grande, não pelo que nós vemos que fez, mas pela possibilidade que tem, não só de ser, mas de fazer criaturas e coisas. E quando, em sua mente divina, entornou-se

sobre as criaturas que, dentro da sua possibilidade de criar, Ele quis que existissem, a sapientíssima sabedoria do Pai derramou-se sobre elas, fazendo-as imagem da sua Palavra canora com o Verbo, e sendo realizadas pelo amor coeterno do Espírito Santo.

Pela vontade do Pai, na expressão do Verbo, e pelo Amor pessoal dos dois, que é o Espírito Santo, Deus realizou, num derramamento do seu esplendor, a magnificência magnífica e esplendorosa da criação. E por isso, todas as criaturas «vestidas as deixou da sua formosura»³, contendo em si cada uma delas a riqueza plena da canção do Verbo; e aparecendo, diante do olhar espiritual de quem possui Deus, tão rica a realidade simples da folhinha de uma árvore, como a imensidade esmagadora de toda a abrangência do universo. Porque Deus está em essência, presença e potência dando seu hálito de vida a quanto é, e mantendo em sua existência quanto existe.

Mas a alma do homem, criada com capacidade de possuir o Infinito, anseia remontar seu vôo à posse d'Aquele que é eternamente, que *se é* por si mesmo; estorvando-lhe tudo quanto intente aprisionar a sua liberdade ou cortar o seu vôo em ascensão delirante para a eternidade.

³ São João da Cruz.

Hoje minha alma sente-se cheia em necessidade de repleção d'Aquele que É eternamente. Clamo irresistivelmente por Ele, e expresso como posso os sentimentos, as necessidades, as apetências do meu coração, que, transbordadas, buscam a liberdade do País da Vida; esperando dia a dia em meus tempos de Sacrário, junto às portas largas da minha eternidade na terra, a hora da minha total libertação.

Vivo tranqüila e espero. Mas, a minha esperança, às vezes, se faz tão veemente como a necessidade que Deus pôs em mim por possuí-lo, como a urgência que meu espírito, criado por Deus, tem de viver só daquele que se É, e com Ele e por Ele, na posse mais ou menos saboreável de quanto Ele queira dar-me.

«Minh'alma suspira por Ti de noite, sim no meu íntimo, meu espírito te busca»⁴.

Que formosa é a criação inanimada, feita por Deus para a manifestação de suas perfeições...! Mas, que imensamente maior e mais transcendente é a alma do homem, que tem impressa em si a necessidade subjugante de viver do Incriado; e que foi criada para palpitar, em sua vivência real, ao unísono com o coração de Deus, entrando na comunicação de sua vida e vivendo, na medida da sua capacidade criada e finita, do mesmo Infinito...!

⁴ Is 26, 9.

Que grande é quanto tenho, que imenso quanto espero, e que necessidade mais premente a do meu pobrezinho ser de conseguir quanto anseio...! Porque fui criada só para Deus, e só com Ele e por Ele, encontrarei o gozo pleno e acabado da perfeição que desejo.

Por isso, Senhor, o dia que te encontre na luz luminosa das tuas eternas pupilas, terei tudo em Ti, para sempre, para sempre...!, na posse perfeita do teu ser e na plenitude completa de quanto apeteço.

Obrigada, Senhor, por ter-me feito semelhante a Ti, para viver por participação na saciedade perfeita de tua infinita capacidade.

18-7-1974

ÂNSIAS DE UM NOVO ENCONTRO

São ânsias como infinitas
as que em minhas profundezas tenho
por achar meu Amador,
por morar com o Eterno;

Ânsias de noites caladas,
ânsias de longos silêncios
e de dias prolongados
em vivências de mistério,

de segredos transcendentos
com sabores de cautérios,
sabendo do que sabe Deus
na profundidade do meu peito.

Intimidade do Deus vivo
em soletrações de céu,
em conversação calada
com expressões de Verbo...

Vivências de meus vulcões...
apetências de meu anelo...
Saudades de possuir
e de abraçar o Imenso...!

Ouço ansiosa e ofegante
rumores de um novo encontro.
E, quando apercebo o toque
do Infinito no meu centro,
remonto o vôo afanosa
para abraçar a quem espero.

Mistério de minhas plenitudes
que vivo em rangidos,
em esperas prolongadas
de divinais encontros!

Deus vem e volta a ir embora
sem deixar-me, ainda que o perco
na posse secreta
que oculto no meu encerramento.

Glória de minhas esperanças!,
Conquistador dos meus zelos!,
só apeteço ter-te!,
só entrever-te desejo
nos lumes infinitos
do teu eterno pensamento!

Penetração possuída
d'Aquele que É em soletração...
Conversação do Deus vivo
em beijo de amor perfeito...
Fogaréu de meus afãs...!
Resplendores do Excelso...!

Comunicação de vida
por Aquele que É em meu encerro...!
Eu necessito, em minhas ânsias,
com impetuosos anelos,
adentrar-me em tuas profundezas,
fora de quanto aqui tenho!

Quero olhar-te em teus lumes
e cantar-te em teu Concerto,
sendo palavra em teu Canto,
que, em amores de recreio,

beija com meu Esposo amante,
nas chamas de seu Fogo,
a Entranha, sempre gerando
em divina ocultação!

O gerar do Deus vivo
é de tanto acatamento,
que está envolvido nos cendais
do seu virginal portento.

Quem ousará introduzir-se
naquele sagrado templo,
sem que o convide a glória
subjugante do Coeterno?

Quem poderá, sem ser levada,
introduzir-se no seio
do Amor que a sustenta,
e gozar em degustação

da festa que, em Família,
Deus vive em arcano eterno?

Apetências vão e vêm
dentro da alma em desterro;
saudades por possuir
o Poderoso em mistério.

Clamores de minhas pobresas...!
Suspiros de meus anelos...!
Mostra-te a mim novamente,
ainda que vás embora de novo!

Não vêes que, se Tu não vens
a visitar-me no solo,
meu viver entre os homens
é de tão forte tormento,
que ou vens a recolher-me,
o meu ser voa ao teu encontro?

Por isso, vem, não tardes!,
calma meu indizível anelo!,
se teu desejo é que viva
contemplando-te entre véus.

Senhor, porque te escondeste?
Quando te mostras de novo?

28-1-1974

A ALMA E O CORPO

Por que me tiras quanto me envolve,
deixando-me só, pendurada de Ti?
Por que só alma me sinto em minha vida,
perdida para as coisas que são e que foram,
estranha e ausente delas sem mim?

Por que nada é nada de quanto me cerca,
e todas as coisas não são
senão um eco longínquo ficado em olvido
e sem dom?

Estranheza que aterra sinto
em meu contorno,
só e desprendida da criação,
alheia a suas coisas e desencaixada,
sem nada que freie minha marcha para o Sol.

Doce e de maneira queda meu espírito voa
urgente para Deus,
ficando minha mente perdida e nublada,
e como dormida, em separação.

A vida, a morte, o dia e a noite,
a sombra e a luz, a terra, o Seol...

A alma e o corpo, veredas distintas e estranhas
seguem ao passar o Senhor;
mistério em segredo, quando o Infinito
se embala na profundidade do meu coração...

A vida não é vida nem é morte tampouco;
do corpo e a alma é separação,
sem a grande ruptura que envolve a morte
quando deixa ouvir sua voz;
poder do Deus vivo, como ímã candente,
que atrai o espírito como força em conquista
com passo veloz...

O corpo sente-se levado e trazido
sem vida e calor,
deixado e perdido em profundidades
de vazio.

Sonho sem dormir-se, saudades sagradas
em pressentimentos de algo que roubou
as capacidades das suas energias,
ficando como barco sem tripulação,
e sacudido pelo marulho,
só e sem timão.

A alma é sua força, e correu atraída
pelas investidas do passo de Deus;
e, atrás d'Ele, voando, perdeu seu caminho,
seguindo sem rumo para o Sol.

Já nada lhe importa!,
está submergida e corre veloz,
toda subjugada pelos esplendores
de quem a roubou.

Mistério sagrado do poder de Deus!
Tudo ficou oculto nas sombras
que detrás deixou;
nada, nem a recordação
de quanto passou,
corta sua carreira veloz de fragata,
porque nada é nada de quanto olvidou.

Não há luta em seu centro,
tudo está tranqüilo em seu redor:
A alma, a terra, o corpo,
o Céu..., o Senhor...
Grande separação se obra em meu centro,
quando rumorejo o passo potente
do Imenso em dom.

Estranheza cadente, sonho de sentidos,
vazio,
perda de coisas...;
tudo está em silêncio e em adoração,
porque o Infinito, passando mui quedo,
mui lento, mui suave, a alma roubou.

Que doce é sentir-me levada e trazida,
pegada e embalada em braços de Deus...!

AMAR-TE A TI POR TI

Amor...!, que eu te necessito a Ti sem mim...!; a Ti, em Ti e por Ti...!; porque eu estou criada somente para gozar eternamente em que Tu sejas feliz, em que Tu sejas ditoso, em que Tu sejas...! Sim, Amor, em que Tu *te sejas*!

Eu necessito gozar na eternidade somente em que Tu és a Alegria eterna em comunicação infinita de luz gloriosa e de amor contente...!; abismar-me no abismo da tua infinita felicidade...!

Eu necessito, porque te amo, gozar somente em que Tu és a Felicidade incriada em comunicação ditosa de vida trinitária. Meu amor reclama estar sempre contemplando-te em teu *contento* jubiloso de felicidade eterna...

Eu necessito gozar somente, somente, em que Tu sejas Deus, em que Tu sejas feliz, em que Tu *te sejas* tão glorioso que Tu mesmo *te és* a tua glória; e de tanto *ser-to*, não só sacias a exigência infinita de Tu *ser-ta* eternamente, mas que, por infinitude de perfeição do teu ser contente, excederás infinitamente de felicidade todas as criaturas criadas com capacidade quase infinita para possuir-te.

És tão ditoso..., tanto..., tanto..., tanto!, que farás consistir nosso gozo essencialíssimo em gozar em que Tu sejas tão feliz; já que transbordas, diante da contemplação do teu eterno júbilo, as capacidades de todas as criaturas racionais de tal forma, que terão seu gozo essencial em ver-te a Ti tão contente; porque ali estarão no centro do amor puro e no encaixamento completo desse mesmo amor.

Sim, és tão feliz, tão infinito, tão glorioso e tão Ser... tão Ser...!, que, no céu, essa perfeição tua exige nos bem-aventurados que estejam sempre no máximo grau de amor puro segundo a sua capacidade. És tão perfeito e tão glorioso, que, ao contemplar-te a Ti, a nossa capacidade ficará tão roubada, excedida e sobejada, que não poderá desejar nada, essencialissimamente, fora de gloriar-se em que Tu *te sejas* tão feliz e tão contente por *ser-te* Aquele que *te és*; tendo todas as almas seu primeiro e essencialíssimo *contento* em gozar, esquecidas de si, de ver-te a Ti tão ditoso.

Tua alegria eterna de perfeição infinita subjugará-las-á tão transcendentemente, que o que não seja contemplar-te a Ti por Ti, gozando em que Tu sejas Deus, serão segundos gozos acidentais que elas possuirão como consequência disto. O gozo dos gozos, que fará estar a alma na eternidade no centro do seu amor e num ato de amor puríssimo, será gozar em que Deus

seja Deus, em que Deus seja o que é por si e em si mesmo.

Como a alma está criada para glorificar a Deus segundo o seu grau de amor, e no céu todas o terão no máximo grau de sua capacidade, a glória essencialíssima de cada uma, segundo seu grau de amor, será gozar em que Deus *se seja* tão glorioso.

Por isso, Amor, que te espero...! Que clamo por amar-te eternamente em meu centro de amor...; nesse ponto de pureza de amor que Tu infundes em minha alma...! Que necessito que meu amor seja o mais puro possível, segundo a minha capacidade, e amar-te onde mais te ame, onde a minha pureza de amor seja mais perfeita...!

Sei que isso será na região dos perfeitos, onde se vive em perfeição absoluta de amor. Por isso eu reclamo com urgência amar-te na eternidade; e necessito-o já!, porque cada segundo que passa não te amei, estando aqui, nessa perfeição que minha alma almeja.

Estou sedenta e te busco dilacerantemente sem plenitude, porque anseio gozar somente em que Tu sejas Deus, em que sejas feliz, em que não sofres, em que Tu és a dita incriada de perfei-

ção felicíssima... em que Tu *te és*... em que Tu *te és*...!, em que Tu *te és* aquele que és e eu a que não sou...!

Necessito gozar em que Tu *te sejas*, e só nisso, sem ocupar-me de mais; e nisto está o centro e a perfeição do meu amor. E eu sei que esta exigência de amor puro que puseste na minha alma, só a poderei encher no lugar do amor puro e perfeito: a eternidade.

Amor, eu não clamo pela eternidade para ser feliz; pois ainda que toda a minha alma está criada para sê-lo, há algo que ultrapassa quase infinitamente esta urgência, e é a de gozar somente em que Tu sejas feliz, em que Tu *te sejas*, em que Tu te gozes, em que tu te ames, em que Tu sejas a Vida gloriosa em Trindade de Pessoas.

Que alegria tão grande que Tu *te sejas* tão ditoso...!, que Tu *te sejas* tão feliz!, que Tu *te sejas* por Ti mesmo, sem mim...! Que gozo, que, quando eu te ofendi, meu Incriado, não te desse pena, não te tirasse *contento*, não te tirasse tua glória essencial...!

Amor...!, que júbilo tão gozoso que Tu *te sejas* tão Ser, que o que não és Tu, não te importa nada...!; que Tu *te sejas* tão imutável em teu gozo infinito, que nada te turbe, que nada te toque...; que eu com toda a minha imperfeição, diante de Ti, como se não fosse...

Amor...!, que *contento* o da minha alma em que sejas assim...! Que *contento* o de poder gozar eternamente a dita de ver-te tão feliz...! Que alegria tão grande que tua glória seja a mesma essencialmente com o amor das tuas criaturas ou sem ele! Que gozo tão completo que, diante da tua incapacidade de sofrer, para poder fazê-lo, tiveste que encarnar-te!; e ainda assim, sofreste em tua humanidade, mas a tua divindade ficou impassível.

Ó...! Que venha o que saiba de amor, vamos ver se pode amar com a pureza de amor que a Deus se ama...! Vamos ver se ele ama o ser amado como se ama a Deus...! Vamos ver se tem algum ser que tenha em si tal amor, tal felicidade e que seja tão ser em sua perfeição, que exceda infinitamente o desejo de amar de todos os amantes!

Assim é Deus...! É de tal perfeição gloriosa, que excedendo nossa capacidade de tudo o que possamos apetecer, nos fará ter nossa glorificação máxima em gozar no que Ele é.

Diz-me, que amas e por que o amas...? Em que te ocupas quando teu amor não é Deus...? Em amar porque te correspondem, que, no final das contas, é procurar-te; em amar para gozar tu, que é amor egoísta; em gozar no bem

do amado porque encontras um gozo... Mas, tu sabes o que é Deus, e de que perfeição será, e que glória terá em si, que a alegria de vê-lo tão contente e tão feliz será a tua bem-aventurança eterna...?

Que será Deus, alma criada pelo Infinito, quando é capaz de saciar infinitamente toda a exigência de amor e felicidade que tu sentes...! E esta exigência satisfá-la-á em tal grau que não te recordarás de ti; excedendo a felicidade do Infinito tão infinitamente a tua capacidade de amor, que diante da tua impotência por não poder gozar em que Deus seja Deus como Ele se merece, a tua eternidade será adorar, esmagada pela glória gloriosa que Ele *se é*.

Amor...!, toda a minha eternidade dando-te graças por ser Tu quem és, agradecendo-te que Tu *te sejas*...! Não porque eu o goze, mas porque Tu o sejas! Toda a minha eternidade gozando sempre, sempre, sempre!, essencialissimamente, em que Tu és feliz, em que és ditoso, em que és Aquele que *te és*, e em que Tu *to és* por Ti mesmo, e em que te tens a tua felicidade em Ti mesmo, e em que Tu *ta és*, ta gozas e ta possuis em Ti e sem mim.

Meu Deus, que alegria tão grande tem minha alma de que sejas tão feliz...! Todo o meu ser, um louvor gozoso da tua glória...! Toda eu um cântico de ação de graças, porque sejas tão feliz e tão ditoso; toda eu um cântico de júbili-

lo, que num êxtase de amor te diz: Obrigada, Amor, de que Tu sejas Aquele que *te és*. Obrigada, Amor, obrigada...!

Toda minha alma, num puro ato de amor, estando roubada somente pelo agradecimento ao Deus contente, gozando em que Ele *se seja* tão contente...!

Que contente é Deus...! Que feliz *se é* o Ser em seu ser, em seus Três...! Que alegria tão grande tenho de que Deus *se seja* tão feliz, tão Ser...!, tão Ser...!; de que Deus, de tanto *ser-se* a Felicidade incriada de perfeição infinita, seja Uno e seja Três.

[...] ¹ Amor... de onde a mim que eu possa saber o contente que Tu *te és* para Ti em teu seio...? Meu amor está contente, está em seu centro gozando em que Deus *se é* feliz, em que Ele *se é* a dita incriada, o gozo infinito, a alegria eterna...

Amor...!, que te espero...! Que eu busco ansiosa estar na eternidade para encher a exigência que Tu, ao criar-me, plasmaste em mim, e esta necessidade de amor puro que, como esposa do teu divino ser, Tu me deste. Não por-

¹ Com este sinal indica-se a supressão de pedaços mais ou menos amplos que não se julga oportuno publicar na vida da autora.

que aqui não possa amar-te, já que minha vida é toda ela um ato de amor; mas porque sei e vejo por experiência que este grau de amor nem sempre está em seu centro como meu amor a Ti o reclama; porque eu necessito amar-te com a perfeição dos bem-aventurados, e vejo que te amo com o amor dos desterrados que muitas vezes é imperfeito. Somente para poder-te amar gozando em que Tu sejas feliz e em que Tu sejas Deus, somente para isso!, anseio eu estar na eternidade, e assim amar-te na máxima perfeição segundo minha capacidade...

Amor...!, eu não sei se me explico... Eu sei que não te sei dizer a Ti em Ti, mas vejo que tampouco sei expressar o que sinto por Ti e de Ti. Eu só sei que, quando te desejo na tua glória, que quando a urgência de glorificar-te no céu me rouba e a exigência de gozar em que Tu te gozas me faz gemer com gemidos que são inenarráveis pela eternidade para glorificar-te em minha máxima pureza de amor; então, segundo minha capacidade pessoal de desterrada, estou no grau máximo de amor puro que eu por Ti posso ter.

«Eu vivo pelo Pai –diz Jesus–... Eu amo o Pai... Pai, glorifica o teu Nome!»².

Já não necessito ir ao céu senão para gozar em ver-te a Ti gozar sem ocupar-me de mais.

² Jo 6, 57; 14, 31; 12, 28.

E como sei que aqui não o posso fazer tão pura e constantemente como ali, por isso quero estar ali; já que desejo amar-te onde mais puramente possa, e gozar em que Tu sejas Deus onde mais pureza de amor tenha.

Amor, se eu posso amar-te aqui e glorificar-te com a pureza de amor que minha alma anseia, para mim é o mesmo aqui e ali, já que necessito amar-te no lugar onde mais puro seja meu amor; não para desfrutar eu, mas por ver-te gozar Tu, ainda que eu não gozasse; não porque eu esteja participando do teu *contento* ao ver-te a Ti gozar, mas porque ali será onde mais puramente eu poderei alegrar-me em que Tu sejas Deus...

É que eu não quero gozar de Ti...? Se para isso fui criada...! Se minha alma anseia viver da tua Trindade e engolfar-me em teu ser para gozar dele...! Mas, diante da urgência quase infinita que me roubou por gozar somente em que Tu sejas Deus, todo o demais como se não fosse.

Amor, eu necessito, por exigência de ter sido criada para gozar de Ti, ser feliz... Eu tenho impressa em minha alma a necessidade de possuir-te e gozar-te, a de conhecer-te e expressar-te, a de amar-te e ser amada com a minha participação de Ti... Clamo com urgências de viver só para Ti, de roubar-te e apanhar-te para

mim, de gozar em que Tu sejas Tu para gozá-lo eu!

Mas, diante da distância como infinita desta pureza de amor que Tu infundes na minha alma, de amar-te só por seres quem és, tudo o que não seja esta pureza de amor sabe-me como de profanação; já que minha alma, quando está no seu centro, necessita amar-te a Ti, por Ti, sem mim, em Ti.

Mas, ainda que a necessidade de gozar por *ser-te* Tu Aquele que *te és* me faz viver morrendo, sei que aumentar este grau de amor só aqui na terra posso consegui-lo. Já que cada segundo, vivendo neste estado de amor em que o Amor me tem, eu alcanço um aumento de amor para mim e para todos os membros da Igreja até o fim dos tempos; e vivendo assim, posso conseguir que aumente o amor puro de cada alma, mediante o qual e por toda a eternidade, elas gozarão somente em que Deus seja Deus.

E diante deste programa que se apresenta à minha vista de minha glorificação de Deus e de minha maternidade espiritual, o que é mais perfeito para mim, desejar o Céu ou a terra...? «Que eu cumpra tua vontade. Meu Deus, é isto que desejo. Tua lei está no fundo do meu coração»³.

³ Sl 39, 9.

E tudo isto, ó minha Trindade Una, para tua glória e teu gozo, que é meu gozo e minha glória.

Este escrito, ó minha Trindade Una, o dedico a Ti, como hino de louvor supremo e glorificação máxima que na terra posso dar-te, já que busco o dar-te a conhecer e amar a Ti, por Ti, sem mim.

11-8-1974

NÃO ME CHAMES TÃO URGENTE!

Eu chamo a eternidade,
e a mim chama-me o Eterno.
Eu reclamo seus contatos,
e meu ser se abrasa neles.

Deus me lança a possuí-lo,
e caminha para o meu encontro.
Os dois vivemos buscando
o que exige um mesmo anelo!

Deus necessita ter-me
nos lumes de seus fogos,
para mostrar-me suas glórias,
para introduzir-me em seu seio
e iluminar-me nas fráguas
do seu infinito silêncio;

porque seus zelos são fortes
como o vulcão do seu peito,
e não resiste às penas
de meu penar lastimeiro.

Por isso, quando se mostra
ao meu espírito sedento,
sempre lhe diz em amores
inflamado por seu fogos:

Espera!, que são minhas glórias
pelas que aqui te retenho.
Que não é minha falta de amor,
porque me abraso em meus zelos
de introduzir-te em meus sóis
removendo-te os véus.

Mas é tua glória e minha glória...
Os cantares que em ti pus
para que mostres minha vida,
são freios a meus desejos
de adentrar-te no profundo
da minha eterna ocultação.

Canta a tua canção, Igreja!
Espera em teu cativo!,
que Eu repleto teus triunfos
em frutos de extensão.

Ressurge, esposa, e entoa
o cantar de teus mistérios!
Não cales porque te oprimam
os que não entendem teus ecos!

Não temas, Igreja amada,
as hostes do inferno
quando tentam sufocar
teu glorioso ascendimento!,
que Eu te tenho encerrada
na profundidade do meu seio.

Não titubeie teu braço,
nem teu peito rompa em dó!
Esposa, Eu me comprazo
em teu lutar lastimeiro.

Mas, não clames tão forte
em teu lamentar sincero,
porque teu clamor é doce,
tanto, que me ponho em vôo
pelos zelos acesos
que, diante de teus penares, sinto!

Não me chames tão urgente,
pois reter-me não posso
à tua voz que me reclama
entre soluços de encerro!

Espera, Igreja, que, no fim,
Eu me lançarei a teu encontro
e te levarei às bodas
do meu infinito segredo!

Não penes, esposa amada,
porque me consumo em zelos
e em ímpetos por tirar-te
do cárcere do desterro!

Não me reclames, tão forte,
porque não chegou o tempo,
e minhas glórias são ter-te
todavia neste solo,

para que alegres a Igreja
com cantares de mistério!

Não olvides, esposa amada,
em teu gemer lastimeiro,
que na Igreja te fiz Mãe
e tens que dar vida morrendo.

Espera, porque ainda é pronto!
Eu já sei de teus tormentos!

NOTA:

Peço veementemente que tudo o que é expresso através dos meus escritos, por crê-lo vontade de Deus e por fidelidade a quanto o mesmo Deus me confiou, quando na tradução para outras línguas não se entenda bem ou se deseje esclarecimento, recorra-se à autenticidade de quanto ditado por mim no texto espanhol; já que pude comprovar que algumas expressões nas traduções não são as mais aptas para exprimir o meu pensamento.

A autora:

Trinidad de la Santa Madre Iglesia

Coleção
Luz na noite
O mistério da fé
dado em sabedoria amorosa

Nº 8



Ediciones La Obra de la Iglesia